



Amor é
LIBRE

TODAS
LIBRES

AMOR É
LIBRE!

WOMEN'S
MARCH

LIBERDADE
PRA DENTRO
DO MEU
UTERO!

RUHA O VARIAS

A Marcha das Vadias e o fenômeno do feminismo comunicacional: usos sociais do Facebook na construção de políticas de identidade de gênero na sociedade em rede

The Slut Walk and the phenomenon of feminism communication: social uses of Facebook for politics of gender identity construction in the network society

DOI: 10.15213/redes.n11.p26

TAINAN PAULI TOMAZETTI, LILIANE DUTRA BRIGNOL

RESUMO

Partindo de uma discussão teórica sobre abordagens contemporâneas para a compreensão do feminismo como um movimento social múltiplo, híbrido, globalmente disperso e culturalmente localizado, o artigo apresenta uma aproximação empírica ao movimento Marcha das Vadias, mais especificamente sobre sua organização na cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, Brasil. Entende-se que este objeto de estudo contribui para a reflexão sobre as lógicas da comunicação e os usos das redes digitais na construção de políticas de identidade de gênero no contexto da sociedade em rede. Com ênfase nos processos comunicacionais, o trabalho é realizado a partir da adaptação do método etnográfico a pesquisas da comunicação, em especial, a partir da combinação de um campo de observações multissituado entre os ambientes online e offline. Neste artigo, a análise centra-se sobre os usos da Página e do Grupo de discussão da Marcha das Vadias – SM na rede social online *Facebook*. Ao final, o texto busca apontar como os conteúdos postados e as interações construídas no contexto da rede repercutem na construção das demandas opositivas e identitárias do movimento, implicando na constituição de projetos universais e particulares da luta feminista.

PALAVRAS-CHAVE: FEMINISMO; MOVIMENTOS SOCIAIS; COMUNICAÇÃO EM REDE; MARCHA DAS VADIAS; FACEBOOK

ABSTRACT

Starting with a theoretical discussion about contemporary approaches to the understanding of feminism as a multiple, hybrid, globally dispersed and culturally located social movement, the paper presents an empirical approach to the Slut Walk movement, more specifically about your organization in the city of Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil. It is understood that the object of this study contributes to the debate about the communication logics and the uses of digital networks for politics of gender identity construction in the network society. With emphasis on communication processes, the work is performed by the adaptation of the ethnographic method in a communication study, in particular, from the combination of multi-sited field between online and offline environments. In this article, the analysis focuses on the uses of the Page and the Group of discussion of the Slut Walk – SM in the online social network Facebook. At the end, the text tries to evidence how the posted content and interactions built in the context of network have repercussions in the construction of oppositional demands and identities of the movement, implying the establishment of universal and particular projects of feminist struggle.

KEYWORDS: FEMINISM; SOCIAL MOVEMENTS; NETWORK COMMUNICATION; SLUT WALK; FACEBOOK

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE O CAMPO DE PESQUISA

Interpretados por Melucci (2001) como redes de interações complexas de sujeitos articulados em solidariedade e objetivos comuns em torno da defesa de determinados projetos e transformações, os movimentos sociais contemporâneos são o que podemos definir enquanto redes sociais propositivas, ou seja, redes de sociabilidade que se definem por uma ordem política (RIZO GARCÍA, 2003). Caracterizados analiticamente na teoria social por: identidade, oposição, conflito e projeto de reconhecimento (TOURRAINE, 2009; CASTTELS, 1999), os movimentos sociais são, em si, redes de ação e influência articuladas por formas alternativas de comportamento.

Partindo desse entendimento, no contexto de sociedade em rede (CASTTELS, 1999), os sentidos de articulação, mobilização e autorreflexão das ações coletivas passam a estar também atravessados pelos efeitos da comunicação em rede¹, em especial, pelas redes técnicas de comunicação na

1. Característica central da sociedade em rede, a comunicação em rede vem se transformando com

internet, constituindo-a enquanto um ambiente de sociabilidade com potencial de apropriação mais democrático e livre do que outras mídias para fins de enunciação política e participação cidadã (CARDOSO, 2007). Nesse sentido, destacamos, na amplitude das ações coletivas contemporâneas, o enlace estratégico entre o movimento feminista e os usos e apropriações das redes digitais.

Há quem argumente, hoje, sobre certa crise e dissolução do feminismo como ideologia política. De acordo com Hawkesthworth (2006), o enfraquecimento do feminismo desde a década de 1970, final da segunda onda, possui relação com o desenvolvimento de discursos midiáticos e acadêmicos que enfatizam recorrentemente o tom de sua “morte” discursiva. Segundo esta autora, a definição de uma crise tornou-se, assim, uma realidade construída pela mescla entre o desapontamento de uma geração de feministas mais antigas com os rumos do movimento e pela proliferação de discursos conservadores no ideário político e econômico dos estados capitalistas. As motivações para tal discurso possuem apontamentos diversos e uma relação direta com o enfraquecimento da prática ativista e forte institucionalização do movimento, para além do fomento das liberdades genéricas entre homens e mulheres através do consumo, e, até mesmo, pelos êxitos das causas feministas vividos por gerações de mulheres mais jovens, como o direito ao voto, a entrada no mercado de trabalho e a possível liberdade de expressão sexual. Estes aspectos fadaram ao feminismo contemporâneo à experimentação de uma crise representativa nos anseios das mulheres (HAWKESTHWORTH, 2006).

Contudo, afastando-se das constatações que enunciam o seu fim ou morte prematura, o feminismo, a exemplo de outros movimentos sociais tradicionais, vem demonstrando vitalidade ímpar junto à consagração de jovens ações coletivas globalmente situadas e desenvolvidas no entorno do universo das redes digitais. Conforme argumentam Gonçalves e Pinto (2011), o feminismo passou por um desmantelamento geracional e político bastante significativo nas últimas três décadas, contudo, há neste cenário a conformação de diversos coletivos independentes com seguimentos específicos, primordialmente constituídos por mulheres jovens que não recusam as bandeiras feministas, mas sim, uma organização política pouco sensível

o limiar da internet, especialmente a comunicação mediada e a relação entre sujeitos receptores e mídias de comunicação massiva. Essa transformação é decorrente não só de um tipo de inovação tecnológica, mas também da própria forma de se utilizar, apropriar ou vivenciar essas e outras mídias nesse contexto (COGO; BRIGNOL, 2011).

mudança. Uma das expressões deste feminismo contemporâneo é simbolizada pelo movimento global Marcha das Vadias, objeto de estudo e reflexão desta pesquisa para entender o uso das redes digitais na construção de políticas de identidade de gênero.

Como figuração de um feminismo atual, a Marcha das Vadias é um movimento social que luta pelo espaço de reconhecimento e liberdade das mulheres. Advinda de um contexto histórico recente, com sua primeira manifestação no ano de 2011, em Toronto, no Canadá, essa ação coletiva desenvolveu-se em resposta à conduta de um policial que, quando indagado sobre a ocorrência de estupros contra as mulheres na cidade, afirmou a origem dos mesmos pelo fato delas vestirem-se como “sluts”, vadias. Assim, a partir da organização de um ato de protesto em três de setembro de 2011 contra o discurso opressor do policial, o movimento internacionalizou-se através de dinâmicas de comunicação em rede e solidariedade. Já em 2011, as manifestações espalharam-se por vários países, defendendo como principal bandeira a liberdade do corpo das mulheres e, reconhecendo, como lógica deste tipo de movimento, as questões peculiares de cada país/estado/cidade onde foram/são realizadas as Marchas das Vadias.

No contexto de nossa pesquisa, nos centramos na ação coletiva empiricamente localizada na cidade de Santa Maria, centro do estado do Rio Grande do Sul, na região Sul do Brasil, onde a Marcha das Vadias é organizada pelo “*Coletivo Marcha das Vadias*”, um movimento em rede que constrói anualmente a ação de protesto desde o ano de 2012. Além da ação anual, o movimento busca projetar atividades que visam à conscientização das problemáticas referentes às mulheres durante todo o ano. Essas ações são ampliadas por seus desdobramentos, reflexões e debates propostos por meio da comunicação em rede, no espaço urbano e no ambiente online, e, articuladas, principalmente, na rede social online *Facebook*² através de uma Página³ e um Grupo de discussão⁴.

Dessa forma, com ênfase nos processos comunicacionais, realizamos nosso trabalho de campo a partir da utilização do método etnográfico em

2. O Facebook é uma rede social online que oferece visibilidade para dinâmicas de interação em rede, funcionando através de perfis, grupos, páginas e comunidades (RECUERO, 2009).

3. As Páginas criadas no Facebook funcionam como comunidades de sujeitos, organizações ou instituições para fins múltiplos. Elas permitem que as pessoas que as curtam comuniquem-se amplamente a partir de interesses comuns.

4. Os Grupos no Facebook são espaços de interação frequentemente mais restritos por assuntos e interesses comuns.

uma pesquisa no terreno da comunicação, em especial, a partir da combinação de um campo de observações multisituado entre os ambientes online e offline. Considerando, assim, as contribuições da etnografia, enquanto método, enfoque e texto (GUBER, 2001), buscamos construir nossa reflexão através da experiência de aproximação empírica às lógicas comunicacionais e as dinâmicas de identidade da Marcha das Vadias – SM.

Levando em consideração esse contexto, entendemos que refletir a apropriação de uma mídia em rede para fins de orientação coletiva requer olhares atentos a dinâmicas complexas e interacionais em constante transformação. Portanto, centramos a discussão deste artigo nas reflexões de nosso trabalho de campo através do escopo de observações concentradas no debate sobre os usos sociais da rede social online *Facebook* na Página e Grupo de discussão⁵ da Marcha das Vadias – SM. Assim, objetivamos descobrir como os conteúdos postados em rede repercutem na construção das demandas opositivas e identitárias⁶ do movimento na constituição de projetos universais e particulares da luta feminista. As reflexões aqui propostas fazem parte de um recorte das observações que correspondem a um contexto mais amplo da pesquisa de mestrado em desenvolvimento.

2. UM OLHAR SITUACIONAL SOBRE O MOVIMENTO FEMINISTA: DE QUE FEMINISMO ESTAMOS FALANDO HOJE?

O feminismo hoje é múltiplo, híbrido globalmente disperso e culturalmente localizado. Em sua história, percebemos a configuração de diferentes momentos e demandas de luta que incidem em configurá-lo enquanto uma vertente política e ideológica atenta às transformações estruturais e microespaciais da sociedade e da cultura. Assim, parece-nos interessante a definição, dentro do tempo e do espaço, sobre a constituição histórica do movimento e de suas trajetórias até situarmos a Marcha das Vadias nesse contexto. Torna-se importante para o limiar desta reflexão delegar ao feminismo e suas contendas políticas o horizonte da definição do gênero enquanto uma categoria de análise situada sobre um complexo contexto de relações de poder e dominação.

5. O período de observação, coleta e análise das postagens corresponde ao mês de julho de 2013, mês em que fizemos a aproximação exploratória para a pesquisa.

6. Considerando que os movimentos como a Marcha das Vadias, são essencialmente desenvolvidos em torno de questões culturais e identitárias (CASTELLS, 2003).

Sabe-se, assim, que as concepções que levam à construção do conceito de gênero como categoria útil de análise histórica⁷⁷ possuem base em estudos feministas de meados da década de 1970 que, no anseio em desconstruir aquilo que se pressupunha como a ordem natural das coisas, investiram na compreensão da condição de exploração das mulheres e das problemáticas advindas de suas relações com um universo social demarcado pela dominação masculina. Passando a pensar exaustivamente o gênero como uma categoria social e subjetiva, as teóricas feministas romperam com as amarras de um essencialismo a-histórico e androgênico que levava até então *o gênero e o sexo* a serem estritamente compreendidos enquanto biológicos, superando as afirmações acerca da inferioridade das mulheres em relação aos homens. Textos célebres como “*Tráfico de mulheres*”, da antropóloga feminista Gayle Rubin ([1975] 1993), demarcam essas superações e firmam o gênero como um objeto teórico relacional.

De acordo com Chanter (2011, p.15), “os primeiros argumentos feministas enfocavam a injustiça do fato de as mulheres serem excluídas de algumas atividades centrais, fundamentais da humanidade, às quais os homens pareciam estar destinados por alguma ordem natural”. Este debate fez emergir inúmeras reflexões e problemáticas, requisitando junto ao campo teórico que estava sendo construído o endossamento crítico de posicionamentos e explicações que dessem conta da complexidade de seu terreno analítico. Sobrevém do movimento feminista, assim, a preocupação em desfazer as tramas abstratas que sustentam a dominação dos homens sobre as mulheres enquanto prescritivas biológicas e essencialistas.

Mais do que um movimento social, o feminismo deve ser ponderado enquanto um sistema de ideias e ideais de transformação baseados na oposição da assimetria e opressão de gênero mediante ações mobilizadoras. Conforme adentramos em sua história tomamos enquanto notável uma de suas características basilares: a de ser “um movimento que produz sua própria reflexão crítica e sua própria teoria” (PINTO, 2010, p.15). A partir disso, é perceptível que, enquanto prática, o feminismo não carrega consigo posições homogêneas, sendo ao mesmo tempo um movimento social e uma corrente de pensamento pluralmente composta, que objetiva refletir e transformar a condição sociocultural das mulheres.

7. Para empreender uma analogia a um dos textos paradigmáticos dos estudos de gênero produzido por Joan Scott “Gender a Useful Category of Historical Analysis”, publicado em 1986 na revista *American Historical Review*, tornando-se um clássico para pensar as questões pertinentes ao uso teórico da categoria de gênero.

É de praxe e consenso teórico subdividir a história do movimento feminista a partir do que chamamos de ondas. Enquanto períodos delimitados no tempo por um tipo de prática política predominante, as ondas do feminismo contemplam certa interpretação dos cenários e da diversidade do movimento, e assinalam, através de marcos históricos, como ele se reinventou ao longo de suas trajetórias em permanente resposta às problemáticas estruturais de cada época.

Assim, são apresentadas geralmente três grandes ondas que configuram o pensamento feminista: a *primeira onda*, data do final do século XIX até o término da Segunda Guerra Mundial e configura um feminismo demarcado pela luta por conquista de direitos, como o voto e condições dignas de trabalho e educação, esta onda é marcada pela ascensão do movimento sufragista principalmente nos EUA e na Inglaterra. A *segunda* onda é definida pelo período de efervescência política e cultural da década de 1960 e advém de um processo de transformações na economia mundial e transnacionalização dos estados capitalistas, esta onda deflagra o início da produção teórica e a força da prática militante do movimento sob o escopo do feminismo radical. Ordenado pelo direito a liberdade sexual das mulheres, o feminismo da segunda onda institui a politização dos espaços cotidianos de opressão e fomenta a vinculação de políticas de identidade e reconhecimento ao enriquecer seu debate com o slogan “o pessoal é político”. A *terceira onda* do feminismo, ou feminismo contemporâneo, como preferimos denominar, é assinalada através das vertentes que surgem a partir do final da década de 1980 até a atualidade. Este feminismo contemporâneo é configurado a partir da multiplicidade e alastramento do movimento pelo mundo enquanto filosofia política, pela definição heterogênea das opressões e das identidades das mulheres, institucionalização e forte produção acadêmica.

Politizando aquilo que toca, o feminismo contemporâneo passa a refletir aspectos teóricos antes não resolvidos. A teoria absorve novos elementos e propostas advindas das hipóteses pós-estruturalistas e pós-modernas. Segundo esclarece Gamba (2008), a partir dos anos 1980, o feminismo assegura-se na desmitificação das diferenças sexuais e da natureza ontológica dos gêneros. Assim, a produção acadêmica desenvolvida enfatiza o diverso e múltiplo universo das mulheres, expressado através da classe social, da raça, da etnia, da sexualidade e da cultura em geral. Além de um espaço consolidado nas universidades e o crescimento das investigações e problematizações em rigor acadêmico, se produz, também, uma importante institucionalização do feminismo neste período, com a proliferação de ONGs

e a participação de feministas junto aos governos e organismos internacionais na criação de políticas públicas e campanhas de conscientização.

Não obstante, neste período já tornou-se possível pensar a definição de diferentes correntes feministas em todo o mundo, levando algumas autoras a se referirem até mesmo a um estágio de pós-feminismo⁸. Seguramente complexas, as correntes feministas que se desenvolveram nos últimos trinta anos nos asseguram dizer que o movimento hoje se configura enquanto uma prática pluralmente constituída, a citar algumas de suas principais vertentes⁹: *feminismo radical*, corrente que defende a primazia da diferença sexual como ação libertadora das mulheres, retirando o homem enquanto referência de igualdade. Alicerçada na perspectiva da diferença e do construtivismo social, esta vertente está associada à autonomia e a transformação cultural de valores e estruturas de dominação exaltando o princípio de uma contracultura feminina, no qual postula-se que a opressão contra as mulheres deva ser superada pela supressão do que seria a essência feminina, rechaçando, muitas vezes, qualquer orientação heteronormativa e relacional com o universo masculino. *Feminismo liberal*, corrente que se baseia no espectro da igualdade de gênero sob a abolição das diferenças baseadas no sexo. Fundado na ideia da oposição a qualquer equivalente a censura das mulheres, este feminismo defende o direito a liberdade sob qualquer circunstância, considerando para seus fins não apenas a resolução de direitos iguais perante a lei, mas também a equivalência socioeconômica entre homens e mulheres acentuados pelo sistema capitalista. E, *feminismo socialista*, corrente inserida na luta sob a ordem do sistema capitalista na manutenção

8. Conceito de pós-feminismo apresenta variantes na sua definição. De acordo com Macedo (2006), para algumas correntes do feminismo, o pós-feminismo encontra-se próximo do discurso do pós-moderno, na medida em que ambos têm por objetivo desconstruir/desestabilizar o gênero enquanto categoria fixa e imutável. Já, outras correntes afirmam que o pós-feminismo tem relação com “com uma agenda liberal e individualista do que com objetivos coletivos e políticos, considerando que as principais reivindicações de igualdade entre os sexos foram já satisfeitas e que o feminismo deixou de representar adequadamente as preocupações e anseios das mulheres de hoje. Esta visão de um feminismo em versão “pós”, isto é, conservadora e acomodada, tem por sua vez sido identificada com o chamado backlash ideológico do feminismo”, o contra-feminismo (MACEDO, 2006, p.813-814).

9. As correntes do feminismo contemporâneo são subdivididas a partir de afinações tanto práticas quanto teóricas. Reforça-se, no entanto, que estas correntes apresentam denominações diversas, aumentando ainda mais o quadro de subdivisões aqui descrito. Trata-se aqui de um esforço para aproximação com algumas dessas abordagens, embora o movimento não possa ser totalmente enquadrado em categorias fixas.

da dominação das mulheres em múltiplos espaços, reconhecendo a especificidade de sua luta em meio às estruturas de poder econômico e manifestando, assim, uma relação direta entre a opressão de classe e a exploração das mulheres pelo patriarcado (GAMBA, 2008).

De acordo com Pinto (2010), neste contexto de mudanças, o feminismo se desloca de uma atitude opositiva para uma postura crítica e negociada com os Estados democráticos, e, já nas últimas décadas do século XX, se subdivide em duas correntes internas: uma mais institucionalizada, em ONGs e partidos políticos, e outra, mais autônoma e reflexiva, em movimentos de ordem radical. Assim,

a principal tensão [do feminismo hoje] reside em como manter a radicalidade do pensamento e a ação, ao mesmo tempo que se incursiona em espaços públicos e políticos mais amplos, que permitam negociar e levar ao consenso as propostas e agendas que a maioria das mulheres necessitam (GAMBA, 2008, P.07).

No limiar do século XXI, o feminismo, atento a sua natureza híbrida, passa a preconizar as clivagens sociais e as referências culturais dos países onde está situado, sem deixar de lado a luta contra a dominação estrutural, exigindo o olhar vigilante do movimento para os mecanismos opressores e para os discursos cristalizados junto aos meios de comunicação. Os diferentes contextos nos quais se situa fazem com que o feminismo contemporâneo não dissocie a enunciação das mulheres de práticas específicas. A esse respeito, a relevância de uma (auto)crítica encontra-se no fato de que durante muito tempo o movimento foi sensível a camadas sociais médias e universitárias, tendo como desafio hoje romper as fronteiras de ordem simbólica e material que tangenciam diferentes camadas sociais em nível de classe, etnia e sexualidade (CHANTER, 2011; FRASER, 2007; BUTLER, 2013).

Junto a isso, tornou-se relevante também pensar os múltiplos espaços de dominação e buscar a visibilidade e o empoderamento das mulheres a partir dos usos políticos e tecnológicos que transversalizam as estruturas e os agenciamentos sociais. Bastante diverso, o feminismo contemporâneo, põe em destaque nas suas múltiplas correntes questões não resolvidas, como a prostituição, a pornografia e a transexualização. Todas essas questões que inquietam este(s) feminismo(s) possuem uma relação de ordem direta com as políticas de liberdade e radicalidade do corpo.

Nesse sentido, destacam-se reflexões conflitivas sobre o uso do corpo como, por um lado, agenciador de práticas libertadoras, e, por outro, lugar

de objetificação fetichista e mercantil do feminino. Autoras como Piscitelli (2005) e Oliveira (2013), ao investigarem os atravessamentos entre os estudos de gênero e feminismo com as questões que envolvem o mercado do sexo no Brasil, demarcam certa bifurcação nas correntes feministas atuais. Conforme divulga Piscitelli (2005), a relação das mulheres com sua sexualidade é compreendida como um terreno de possibilidades complexas apartadas por um duplo sentido. Assim, nos estudos de gênero, a prostituta, figura ideal deste tipo de retórica, ocupa tanto o lugar de mulher dominada e explorada pelo universo de abuso e opressão objetiva entre os sexos, quanto o lugar de sujeito autônomo de sua sexualidade e agenciador de práticas que subvertem os padrões sexistas dominantes na sociedade. Conforme esta perspectiva, a mulher prostituta pode vir a usar o sexo e o seu corpo ao seu controle e poderio, ainda assim, que dentro de um terreno de possibilidades disponíveis neste campo de ação social:

o sexo é visto como uma tática cultural que pode tanto desestabilizar o poder masculino como reforçá-lo. As práticas de prostituição, tais como outra forma de mercantilização e consumo, devem ser lidas de maneiras mais complexas que apenas uma confirmação da dominação masculina: em certas circunstâncias, elas podem ser espaços de resistência e de subversão cultural (PISCITELLI, 2005, P.14).

O corpo, como articulador político e performático das experiências de gênero e sexualidade, é, nesse sentido, espaço de interpretações e questionamentos dúbios: enquanto objeto reificado a partir de ditames estruturais em um sistema de dominação e consumo compulsório, mas também, e ao mesmo tempo, sítio de libertação e expressão sexual dialética que contradiz a sua negação (e mácula secular) ao explorá-lo de forma subjetiva, empoderada e contra-argumentativa. Essas questões têm implicação direta na compreensão de protestos feministas atuais como a Marcha das Vadias. De acordo com o que analisam Rocha e Beraldo (2014), estes movimentos ao apropriarem-se do corpo despido como forma de protesto, realocam-se no espectro da visibilidade midiática trazendo à tona intenções narrativas que, paralelamente, são absorvidas como políticas de conformação de uma identidade de gênero. Para elas: “trata-se de ocupar o espaço midiático, configurando um corpo também midiático que, em sua intenção narrativa, descontextualiza a nudez, despindo os seios do que as militantes consideram seus significados sociais hegemônicos”. O que está em questionamento,

nesse sentido, é o lugar reificado e estruturado do *ser* mulher. Assim, esses movimentos buscam pelo deslocamento das mulheres de objetos a sujeitos de seus próprios corpos, pleiteados como lugares discursivos tomados de poder através de seus enlaces *com* e *nas* políticas de conformação midiáticas — no terreno da crítica aos meios de comunicação e em uma organização vinculada aos espaços comunicacionais em ambientes digitais.

3. O FEMINISMO E A INTERNET: BREVES INCURSÕES SOBRE O TERRENO DA COMUNICAÇÃO

Desde cedo o movimento feminista reconheceu o lugar de importância paradoxal ocupado pelos meios de comunicação na sociedade, tanto como fonte para visibilidade e projeção das mulheres, quanto como mantenedor da ordem da dominação masculina através das representações e estereótipos de gênero. A crítica e a reflexão dos meios acompanha, dessa forma, o processo organizativo do movimento, em especial, a partir segunda metade do século XX. Desenvolvendo-se sobre a ênfase nas esferas de ação — combativas ou negociadas — junto aos meios de comunicação, a partir da *segunda onda*, o feminismo passa a estabelecer uma relação de mão dupla com as mídias: de um lado, através da crítica, tanto prática quanto acadêmica, e, de outro, pelo uso alternativo de mídias no embate e enfrentamento dos discursos dominantes¹⁰.

Assim, através da necessidade de se construir com um discurso próprio, provocar mudanças e empoderar as mulheres, o movimento feminista passa a organizar sistematicamente a produção de seus espaços de comunicação. No Brasil, podemos perceber a atuação de uma imprensa feminista já no século XIX, contudo, é a partir de meados da década de 1970 que encontramos a exponencial potencialidade dessas produções (PINTO, 2003).

Ao analisar a imprensa feminista brasileira, Woitowicz (2012), destaca que, em um primeiro momento, ela esteve intimamente relacionada com o processo de oposição à ditadura, entre essas experiências temos como marcos os jornais *Brasil Mulher* (1975 - 1979), *Nós Mulheres* (1976 - 1978)

10. Aqui nos referimos ao conceito de mídia alternativa. No contexto brasileiro, ele se refere, em consonância com Peruzzo (2008), à experiência de uma imprensa produzida durante os anos 1960 e 1970, caracterizada pela oposição combativa a uma mídia tradicional no período da ditadura militar. Em suas palavras, a principal preocupação dessa mídia era “informar a população sobre temas de interesse nacional numa abordagem crítica.” (PERUZZO, 2008, p. 373).

e *Mulherio* (1981 - 1987). Assim como estes jornais de inegável contribuição na luta contra opressão, o movimento feminista veio ao longo do tempo produzindo novos canais de comunicação. De acordo com levantamento de Woitowicz, é possível observar, no período pós - 1990, com o feminismo concentrado em ONGs e em grupos de pesquisa, o fomento de novas produções que tematizam significativamente questões políticas, de saúde e demandas sociais das mulheres como: “os jornais *Fêmea*, do Centro Feminista de Estudos e Assessoria; *Fazendo Gênero*, do grupo Transas do Corpo; *Jornal da Rede*, da Rede Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos; e *Folha Feminista*, da Sempreviva Organização Feminista” (WOITOWICZ, 2012, p.06).

Na medida em que busca elaborar novas mídias, o feminismo confere às ferramentas e espaços comunicacionais um enlace estratégico de primeira ordem para sua causa. E, assim, com o avançar dos processos tecnológicos o advento da internet vem ampliar a relação do movimento com suas políticas de comunicação. Em confluência com as potencialidades comunicativas das redes técnicas e digitais, o feminismo vem a perceber no ambiente virtual um lugar de práticas e expressões coletivas, antes desconhecidas, com novas significações e endereçamentos múltiplos. Na perspectiva de criar espaços alternativos de visibilidade, no qual as mulheres poderiam protagonizar posicionamentos ao converterem-se no papel de autoras, produtoras e transmissoras de conteúdo, já nos anos de 1990, diversos grupos feministas se lançam na disputa pelo terreno comunicativo da internet.

Com a consciência de um dever político na esfera comunicacional, o espaço da internet foi reclamado oficialmente pela primeira vez no ano de 1995, no *Simpósio Internacional sobre a mulher e os meios de comunicação*, organizado pela UNESCO, em Toronto no Canadá. Segundo Ureta (2005), as feministas manifestaram, neste simpósio, uma preambular reflexão sobre importância de sua presença na internet, com o objetivo de fazer chegar a um maior número de mulheres informações que as ajudassem e as apoiassem no desenvolvimento de práticas cotidianas. Também, no mesmo ano, na *Conferencia da Mulher*, em Beijing, expuseram-se as necessidades de “estimular e reconhecer as redes de comunicação das mulheres, entre elas as redes eletrônicas e outras novas tecnologias aplicadas à comunicação, como meio para a difusão de informação e intercambio de ideias” (URETA, 2005, p.386).

Esses encontros aspiraram diversas iniciativas e possibilidades para a criação de redes feministas na internet. Entre as primeiras experiências,

destaca-se o site espanhol *Mujeres em rede*, surgido em 1997, com a ajuda de servidores alternativos amparados pela *APCMUJERES*¹¹. O site, hoje, é referência em todo mundo, consolidado a partir da publicação e reunião de textos e reflexões sobre direitos humanos e feminismo, além de reconhecimento e compartilhamento de recursos para a empoderamento das mulheres através de listas de e-mail e fóruns de debate (DE MIGUEL; BOIX, 2013). É também na década de 1990 que se inicia o chamado ciberfeminismo, um movimento iniciado pela experimentação do feminismo com a arte virtual. Movido pela compreensão do uso das tecnologias para práticas enunciativas e relacionado à convergência entre mulher, mundo digital e arte, o ciberfeminismo é uma prática múltipla que está espalhada hoje por diversas partes do mundo, dentre as manifestações pioneiras é de destaque o grupo *VeNuS Matrix*: “que surge em 1991 e cujas componentes, que provém do mundo da arte são pioneiras na utilização, no início dos anos 90, do termo para apresentar seus trabalhos de experimentação entre o sujeito feminino, a arte e a virtualidade” (DE MIGUEL; BOIX, 2013, p.55).

No Brasil, as experiências de uso da internet são múltiplas e configuram a presença do feminismo em diferentes segmentos desde sites, blogs, fóruns e redes sociais. Pesquisando sobre o feminismo e a esfera pública na internet, Haje (2002) constatou a presença de 21 sites brasileiros ligados de alguma forma a organizações e/ou a práticas feministas entre os anos de 2000 a 2002. De lá para cá certamente essas experiências floresceram, sendo válido destacar aqui algumas delas.

Entre os principais blogs feministas na atualidade está o *Blogueiras feministas*¹², site que reúne textos e discussões sobre diferentes assuntos ligados à luta das mulheres, construído por uma rede de blogueiras de várias partes do país, o blog hoje encontra-se como referência nacional do movimento na internet. Outro importante blog a destacar é o *Escreva Lola Escreva*¹³, no qual é possível encontrar conteúdo reflexivo de pautas importantes para o feminismo, além de textos sobre política nacional e questões de gênero. Além desses blogs, o site da *Marcha Mundial das Mulheres* (MMM)¹⁴ configura-se enquanto um espaço de auto-organização do movimento na internet, reunindo informações, conteúdo e agenda das marchas da mulher pelo mundo.

11. Associação para o Progresso das Comunicações: <http://www.apc.org/espanol/about/apcwomen/index.htm>

12. Link: <http://blogueirasfeministas.com/>

13. Link: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>

14. Link: <http://marchamulheres.wordpress.com/>

Também, como experiências já históricas no contexto brasileiro, podemos destacar os sites *CFEMA*, *sof* e *CEMINA*. O site do *Centro feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA)*¹⁵ reúne proposições legislativas e parlamentares sobre políticas de gênero, além de textos e matérias que buscam realizar um diagnóstico feminista da situação política do país. O site da *sof (Sempreviva organização feminista)*¹⁶ é gerido a partir de uma perspectiva política solidária à mulher camponesa e à luta contra a violência doméstica. O *CEMINA (Comunicação, Educação e Informação em Gênero)*¹⁷ possui um site que busca discutir, capacitar e elaborar canais comunicativos entre as mulheres, promovendo iniciativas culturais e políticas no âmbito da educação de gênero.

Além disso, também os sites de rede social (*Facebook*, *Twitter*, *Tumblr*, entre outros) possuem em suas redes nós feministas com seguimentos múltiplos: de organização ativista; de reflexão; de conteúdo irônico; provocativo; de prática institucional; de movimentos mundiais; e assim a lista de nuances continua. Este é o caso das Páginas e Grupos de discussão de movimentos e organizações que estão no *Facebook*, como a Marcha das Vadias – SM e a Marcha Mundial das Mulheres, por exemplo. É importante destacar, aqui, que as práticas de ativismo feminista extrapolam a presença de apenas um espaço na internet estando em diversos ambientes comunicacionais da rede: um movimento como a MMM, por exemplo, possui um site, um *Twitter*¹⁸, um *Tumblr*¹⁹ e uma Página²⁰ e um Grupo²¹ no *Facebook*. Os usos são diversos e possuem relação com a ideia articuladora do feminismo contemporâneo em estar onde estão as pessoas, as sociabilidades e as práticas de subversão e dominação.

Dessa forma, arquitetam-se redes de comunicação feminista na internet e fora dela, nas quais as relações entre conteúdos produzidos em blogs, em sites e em redes sociais (online ou offline) passam a ampliar a agenda cidadã e conformar táticas de organização. A amplitude dos campos de ação é notável, e a convergência entre as dinâmicas e práticas de ativismo tradicionais com o universo digital e suas possibilidades é sintomática do diagnóstico e autocrítica feminista a respeito dos espaços em que vigoram as estruturas de ação e dominação.

15. Link: <http://www.cfemea.org.br/>

16. Link: <http://www.sof.org.br/>

17. Link: <http://www.cemina.org.br/>

18. Link: <https://twitter.com/marchamulheres>

19. Link: <http://marchamulheres.tumblr.com/>

20. Link: <https://www.facebook.com/marchamundialdasmulheresbrasil>

21. Link: <https://www.facebook.com/groups/292138064203399/>

Como explica Natansohn (2013), no entorno tecnológico, o feminismo se concentra em legitimar e instaurar políticas de inclusão das mulheres no meio digital, refletindo um horizonte para a teoria e *práxis* feminista em resposta a demandas sociotécnicas. Segundo a autora, o que está em disputa neste terreno é o alcance político e social da cultura digital como forma de viver na contemporaneidade, como o ambiente onde se desenvolvem lutas por poder e por enunciação de diferentes grupos sociais. No entanto, a análise e também o uso desse espaço deve prever o seu reconhecimento enquanto um ambiente de não neutralidade de gênero. Para Natansohn (2013):

estamos assistindo a uma lenta, mas constante, tomada de consciência sobre a necessidade de usar os recursos organizacionais da rede e adquirir competências tecnológicas. Há uma grande quantidade de sites e recursos web de organizações pelos direitos das mulheres e outras minorias. Contudo, são poucos os projetos orientados às tecnologias digitais com enfoque de gênero e, como vimos, esta neutralidade não faz senão discriminar minorias que não se integram espontaneamente ao mundo digital. (NATANSOHN, 2013, p.26)

Portanto, do ponto de vista comunicacional, a relação entre o feminismo e a internet merece esforços de análise e interpretação porque amplia os espaços atuação do movimento, assim como permite o dimensionamento de questões virtualmente enriquecidas através de fenômenos localmente situados. Como é o caso da Marcha das Vadias que, geminada por pares feministas em um país específico e através de um acontecimento local, é alastrada para diversas partes do globo a partir do uso da internet para a publicização e orquestragem, primeiro, da indignação com o fato que a precedeu; segundo, para organização de uma prática reivindicatória propriamente feminista; e terceiro, através de laços solidários e identificação coletiva com a causa do movimento.

4. A MARCHA DAS VADIAS E O FENÔMENO DO FEMINISMO COMUNICACIONAL

Nos últimos três anos, o termo “Vadias” tornou-se uma expressão amplamente política com tom de subversão contracultural em diversos lugares do mundo. Isto porque uma nova forma de protesto feminista emergiu pelo globo através de práticas de ativismo e organização online com nome

e lógicas bastante específicas e diferentes entre si: a Marcha das Vadias. Iniciada no ano de 2011, em Toronto, no Canadá, a Marcha das Vadias (*SlutWalk*) originou-se como resposta ao pronunciamento do policial canadense Michael Sanguinetti que, falando para um pequeno grupo de estudantes da Universidade de York em um fórum sobre segurança pessoal, declarou a seguinte frase: “*as mulheres devem evitar se vestirem como vadias a fim de que não sejam vitimadas [por estupros]*” (CARR, 2013). A partir deste comentário, que acabou por sintetizar a ótica compartilhada por muitas instituições e setores da sociedade sobre a condição do corpo da mulher como sujeito ao controle e alvo da apropriação masculina, um movimento global iniciou como forma de luta e indignação contra a realidade do estupro, contra ao instinto social naturalizado de culpabilizar as vítimas, contra ao chamado *slut-shaming*²² e pelo reconhecimento da liberdade e autonomia das mulheres sobre seus corpos²³.

O pronunciamento do policial foi o estopim para a manifestação de diversas jovens feministas que o responderam organizando a primeira Marcha das Vadias (*SlutWalk*) em 3 de abril de 2011 no *Queen's Park* em Toronto. De acordo com o que resgata MacNicol (2012), foi a partir da edição de 8 de fevereiro do jornal universitário *Escalibur* que o comentário de Sanguinetti começou a se espalhar chegando a audiências nacionais e internacionais em 17 de fevereiro quando foi citado por vários meios de comunicação:

incluindo Torontoist.com (blog com sede em Toronto), Toronto Star (jornal de maior circulação do Canadá) CBC News on-line, rabble.ca (revista canadense on-line), e Jezebel.com (blog das mulheres sob controladora mídia Gawker.com). Os comentários de Sanguinetti também circularam através dos sites de redes sociais *Facebook* e *Twitter*. Em 18 de fevereiro, uma chamada para o protesto público em Toronto foi postada na seção de comunidade do blog do *feministing.com* (um blog feminista) e o primeiro tweet do @SlutWalkTO foi postado (MACNICOL, 2012, P.10).

22. A definição de *slutshaming* é bastante abrangente, contudo o termo se refere, em geral, a todas as situações nas quais a sexualidade feminina e sua expressão de gênero são julgadas e restringidas.

23. Informação disponível no site: <http://www.slutwalktoronto.com>

Reclamando o direito de livre expressão sexual e a desconstrução de argumentos misóginos, a primeira Marcha das Vadias foi organizada em torno do tema “*Because We’ve Had Enough*”²⁴ e através de discussões e proposições pela internet foi rapidamente propagada. Assim, o que era para ser uma pequena manifestação de jovens universitárias acabou se tornando um grande ato de protesto que reuniu cerca de 3000 pessoas no Canadá e que foi instantaneamente alastrada por diversas partes do mundo. Pleiteando o uso proposital e reinterpretativo da palavra “Vadia” como expressão definidora dos limites de um comportamento sexual aceitável que concatena a secular opressão sobre o corpo e a sexualidade das mulheres, as *SlutWalks* foram construídas espontaneamente no restante do mundo através de um sentimento de indignação advindo do conceito expresso por um policial, figura que deveria proteger e punir, e sua improvável “estratégia” para evitar estupros (CARR, 2013).

A Marcha das Vadias constituiu-se, assim, como um movimento altamente expressivo enquanto difusor de liberdades, assegurado por frentes de atuação que buscam unir as múltiplas formas de expressão das mulheres: de gênero (apoio a transexuais), sexo, raça, idade, classe social, educação e interesses²⁵. Esta conflitiva, porém tributária, preocupação feminista prescreveu a empatia e identificação coletiva de jovens em diferentes partes do globo, na sua maioria, jovens que acordavam com os ideais feministas, mas que, no entanto, não estavam organizadas em movimentos e grupos de atuação, percebendo um impulso e uma mensagem de continuidade advinda da manifestação canadense. Dessa maneira, já em 2011 protestos sob o nome de Marcha das Vadias aconteceram em mais de 200 cidades e quarenta países em torno do mundo, incluindo: Espanha, Hungria, Finlândia, Noruega, Coréia do Sul, África do Sul, Austrália, Ucrânia, México, Brasil, Índia, Indonésia, Alemanha, Marrocos, Inglaterra entre outros.

De acordo com Carr (2013), esses protestos [*SlutWalks*] diferentes de qualquer outros do passado, têm como principal arma seu estado de espírito otimista e irônico e ao mesmo tempo bastante sério e comprometido. Como um movimento que se volta contra a cultura do estupro e a objetificação do corpo, a Marcha das Vadias é uma forma de protesto que tem se tornado única e inovadora nas questões contra violência de gênero: “ao invés de ficarem na defensiva sobre expressar sua sexualidade, as “*SlutWalkers*” trabalham na ofensiva, usando o palco das ruas para desconstruir opressões

24. Em tradução livre: “Porque já tivemos o suficiente”

25. Informações disponíveis no site: <http://www.slutwalktoronto.com>

e ganhando mais atenção da mídia do que marchas tradicionais pelos direitos das mulheres”(CARR, 2013, P.25).

As Marchas das Vadias ao redor do mundo adquirem proporções diversas e descentralizadas, porém algo que as toma em comum, além do nome, é que elas se constituem enquanto manifestações acentuadamente midiáticas. Os cartazes, os corpos, os pronunciamentos, as danças, as músicas, a atenção dos meios de comunicação e a conformação midiática através da internet tornam-se, em conjunto, o movimento em si. As mídias digitais e os meios de comunicação de massa vêm criando fluxos transnacionais de informação sobre as atividades e a atuação da Marcha das Vadias enquanto movimento global. Os sites de rede social online, como *Facebook* e *Twitter*, parecem ter se tornado as principais fontes de organização e difusão de centenas de protestos locais em diferentes continentes, e, assim, as variadas apropriações e temas de embate político passam a depender paralelamente de contextos locais e de práticas globais de comunicação.

No Brasil, a Marcha das Vadias teve sua primeira manifestação na cidade de São Paulo em 04 de junho de 2011 e já no mesmo ano outras Marchas foram acontecendo espontaneamente em diferentes cidades de países²⁶. Com organização própria, as Marchas das Vadias brasileiras foram adquirindo novas expressões, e em 2012 o número de protestos dobrou e saiu dos grandes centros urbanos para chegar a cidades do interior, em diversos estados. A organização de quase todas as Marchas é feita principalmente através do *Facebook*, como é possível observar no site: *marchadasvadiasbr*²⁷, que reuniu até 2013 o calendário das Marchas no país. Além de se organizarem através da internet, as Marchas se utilizam deste espaço para produzir campanhas de conscientização e visibilidade, como a série fotográfica: “Feministas Por quê?”, da Marcha das Vadias do Distrito Federal²⁸, e as correntes fotográficas, textos e vídeos das Marchas que circulam em suas páginas nas redes

26. Doze cidades brasileiras tiveram manifestações sob o nome de Marchas das Vadias em 2011, além de São Paulo: Recife (11/06); Fortaleza (17/06); Brasília, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Florianópolis (18/06); Teresina (29/06). Rio de Janeiro (02/07), Curitiba (16/07), Natal (23/07) e Belém (28/07), informações obtidas no site: <http://marchadasvadiasbr.wordpress.com/calendario/>.

27. Link: <http://marchadasvadiasbr.wordpress.com/calendario-de-marchas-pelo-brasil-2013/>

28. <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/campanha-fotografica-feminista-por-que/>. A campanha “Feminista por quê?” reúne fotografias de homens e mulheres que se posicionam a favor do feminismo, ela serviu de material para a divulgação da Marcha das Vadias-DF no ano de 2012 e circulou por diversas mídias, tanto digitais quanto impressas.

sociais e em sites como o “Blogueiras Feministas”²⁹. Com um número passível de mudanças, é possível verificar hoje a existência de mais de cinquenta Marchas das Vadias no Brasil³⁰.

Sendo ao mesmo tempo um protesto ou uma manifestação diversificada e particular, a Marcha das Vadias é hoje, sem dúvidas, um dos movimentos que congrega maior atenção para a causa feminista, tanto dos meios de comunicação, quanto da sociedade em geral. As razões para tal feito podem ser diversas e até opostas, não há consenso dentro do próprio feminismo sobre essas práticas: o uso da expressão “Vadia” e as lógicas de formação ativista, na sua maioria formatada por jovens universitárias, é tema de debate e contestação. De acordo com Valenti (2011), esses conflitos fazem parte do entorno crítico e autoconstrutivo do feminismo:

as marchas são na sua maioria organizadas por mulheres mais jovens, que não se desculpam por suas táticas combativas, fazendo dos eventos muito mais eficazes na obtenção de atenção da mídia e interesse dos participantes do que as ações de organizações feministas já bem estabelecidas (e melhor financiadas). E, embora nem todas as feministas possam concordar com a mensagem das SlutWalks, os protestos têm traduzido em linha entusiasmo e ação pessoal uma modelo de manifestação que não havia sido feito antes junto ao feminismo nesta escala (VALENTTI, 2011, P.01).

Com afirmam Gomes e Sorj (2013, p.438), como fenômeno, a Marcha das Vadias é um movimento que provoca ao mesmo tempo continuidades e descontinuidades ao feminismo. Ao contrário de gerações anteriores de feministas que buscavam reclamar a autonomia do corpo no entorno de políticas públicas de saúde e reprodução, as gerações contemporâneas, fruto de movimentos sociais como a Marcha das Vadias, assumem que a enunciação do corpo deve ter um significado mais amplo: e “passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindida de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo”.

29. Link: <http://blogueirasfeministas.com/tag/marcha-das-vadias>.

30. De acordo com informações dos sites: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/> e <http://marchadasvadiasbr.wordpress.com> . O número decorre também do levantamento de Páginas das Marchas das Vadias no Facebook.

Nas Marchas ao redor do mundo, o corpo é virtual e materialmente celebrado. Os corpos conduzem cartazes, e, ao mesmo tempo, são eles mesmos as faixas e símbolos do movimento guarnecidos de dizeres como: “Meu corpo minhas regras”, “Meu vestido não é um sim!”, “Vadias livres”, “Meu útero é laico”, “O lugar da mulher é onde ela quiser”, “Meu corpo, meu território”, “Não, é Não”. O corpo, assim, é reivindicado como questionável, dissoluto, e possível politicamente através de múltiplos formatos. Performar a nudez, a subversão cultural e usar e se apropriar do corpo como duplo instrumento, de liberdade e de poder, são as principais ferramentas deste jovem feminismo para pensar a enunciação e empoderamento das mulheres.

É de acordo com essas especificidades práticas e também subjetivas que os autores que estudaram e estão estudando a Marcha das Vadias concordam que, o seu efeito, ainda que controverso, tem relação com um novo horizonte para as formas de organização política do feminismo (CARR, 2013; MANICOL, 2012; VALENTI, 2013; GOMES; SORJ, 2013). É tributário deste pensamento, portanto, refletir a edificação de um novo sujeito feminista construído por novas práticas, que se acentuam pelo ativismo em rede, experiências de gênero e identidades diversificadas. Pois, como, destaca Valenti (2011), quando o descontentamento ou fúria de algumas mulheres inicia espontaneamente no online e passa a ocupar as ruas, e acontecimentos locais fazem erigir uma onda global de manifestações, no qual a ação feminista passa a desencadear debates e ativismos globais, estamos passando por, no mínimo, transformações impactantes no entorno do movimento.

5. OS USOS SOCIAIS DO FACEBOOK NA MARCHA DAS VADIAS – SM

As organizadoras da Marcha das Vadias – SM são, em sua maioria, jovens, mulheres com ensino universitário. A primeira manifestação da Marcha na cidade aconteceu no ano de 2012 e, delegável da sensibilidade e reconhecimento de algumas jovens sobre os sistemas de opressão cotidianos que agenciam as mulheres, a Marcha das Vadias passa a se tornar um Coletivo social organizado no mesmo ano. Com o total de treze integrantes permanentes, o Coletivo constrói reuniões referentes à organização do ato de protesto desde o ano de 2013 e realiza ações e manifestos, enquanto movimento social organizado, reunindo e articulando um número mais amplo de participantes e combinando ações junto aos demais movimentos sociais da cidade. Peculiar a outras expressões no país, a Marcha de Santa Maria – RS não se limita a decorrência única da ação de protesto anual, de maneira a refletir demandas e o próprio feminismo em eventos paralelos durante todo

o ano. Para isso, o movimento se organiza majoritariamente através de espaços de comunicação na rede social online *Facebook*.

No *Facebook*, a Marcha das Vadias – SM possui dois espaços de comunicação em rede: uma Página e um Grupo de discussão. A principal diferença entre a Página e o Grupo se dá pelo conteúdo e a recorrência das publicações. Na Página, encontramos amplo material de divulgação do Coletivo, além de vídeos e fotos referentes à Marcha das Vadias de anos anteriores e também as atividades locais das quais o movimento participa. Criada no ano de 2012, a Página possui até o momento um total de 2.333 seguidores e, conforme informações do *Facebook*, o grupo etário médio desses seguidores é de 18 a 24 anos de idade. Com postagens e interações de cunho informativo e de pronunciamento oficial do grupo, a Página tem atualizações mensais, sendo guiada completamente pelo Coletivo e não possuindo nenhuma regra oficial quanto a comentários e seguidores. É a partir dela que se criam os eventos relacionados à Marcha das Vadias e se divulgam os materiais de esclarecimento sobre o que é a Marcha e como o grupo se organiza e se pronuncia diante dos mais variados assuntos. De maneira geral, o que se observa constantemente nas interações da Página é o levantamento de conteúdos que o Coletivo considera proeminente para reflexão, tanto sobre o que suas integrantes produzem, quanto sobre os atravessamentos das questões feministas para com a multiplicidade de vozes. Objetivamente, ao observar a Página tem-se a noção do que é, e sobre o que se preocupa a Marcha das Vadias – SM.

Já no Grupo, os conteúdos são de caráter reflexivo e visam à construção de um fórum permanente de discussão dos elementos que nele são publicados. As informações mais recorrentes giram em torno das pautas midiáticas e de seu tratamento em relação às mulheres e a grupos socialmente excluídos. Possuindo o caráter de ser aberto, o grupo possui 5.489 membros e foi criado, assim como a Página, para organização da primeira Marcha das Vadias em Santa Maria, sendo mantido permanentemente, desde aquele período até hoje, como um espaço para debater e construir o feminismo local. Utilizado com maior frequência do que a Página, com interações e atualizações diárias, o Grupo opera a partir da visibilidade de variados conteúdos, funcionando pelo diálogo aberto e pela experiência comunicativa dos perfis individuais no *Facebook*.

O uso de canais de comunicação na internet torna-se, assim, fator de aglomeração, auto-organização e constituição da visibilidade deste feminismo. É possível destacar que a comunicação em rede não é somente parte de um processo de organização, sendo, também, lugar de construção do próprio

Coletivo e dos sentidos sobre o feminismo que ele busca enunciar. A rede social online *Facebook* configura-se, nesse sentido, enquanto um espaço de trocas de informações e negociações dos sujeitos do movimento social, fornecendo a possibilidade de conexão e constituindo-se enquanto um ambiente comunicacional que possibilita a continuação mediada das reflexões configuradoras das identidades e oposições da Marcha das Vadias.

O processo por traz da constituição da identidade coletiva e das oposições da Marcha das Vadias – SM é tributário de sua própria conformação na rede. Possuindo como mote principal sua expressão sobre uma identidade feminista, podemos nos perguntar: a Marcha das Vadias – SM está configurada a partir de que ótica sobre o feminismo? Esta resposta não seria única, nem ao menos coesa, assim como o próprio movimento, no entanto, há como pensar alguns aspectos que asseguram o posicionamento dessas jovens nas redes e, por assim ser, trazem certa dinâmica configuradora de vínculos comuns entre elas. A comunicação em rede contribui para construção deste posicionamento compartilhado, e, através dos conteúdos postados, é possível perceber um universo que nos direciona a compreensão deste feminismo.

Os principais usos sociais referentes às discussões em rede são originários de temáticas relacionadas a conteúdos que, geralmente, advêm de canais da mídia, como blogs e sites. Os usos sociais irão conformar o que podemos denominar de políticas de gênero do movimento. Estando relacionados ao processo de constituição identitária, eles perpassam as seguintes temáticas: mulher, feminismo, gênero, machismo, sexismo, estupro, violência, preconceito e discriminação. Esses eixos temáticos conformam, em primeiro lugar, os sentidos da organização feminista do movimento em trajetória a um posicionamento em comum sobre as questões que afligem a condição das mulheres. As definições sobre as políticas de gênero são múltiplas: o feminismo vislumbrado pela Marcha das Vadias – SM configura-se enquanto uma ideologia que hibridiza as conquistas e o empoderamento das mulheres com a busca pela abrangência das causas do movimento através do olhar sobre os diferentes sentidos de *ser mulher*. Dessa forma, tem-se enquanto ideologia compartilhada entre as participantes do movimento a demanda pela transversalidade e aderência da causa por mulheres de classes sociais, raças, etnias e sexualidades diversas.

Em segundo lugar, os eixos temáticos acentuam as questões que são amplamente discutidas no Grupo do *Facebook* que leva o nome do Coletivo, no qual as reflexões postadas são, por muitas vezes, transformadas em argumentos coletivos. Pautas decorrentes, dentre as diversas assinaladas nas dis-

cussões, são as que envolvem argumentos sobre o protagonismo da mulher no feminismo e a presença de homens no movimento. Essas discussões rendem inúmeros comentários e posicionamentos conflitivos sobre a definição do diálogo daqueles que participam do Grupo. Vê-se nessas postagens um extenuante processo de autoafirmação feminista que corrobora para vinculação dos sujeitos com o movimento. Através de posicionamentos conflitivos, essas postagens mostram como a Marcha das Vadias – SM pensa e lida com as contradições prescritas dentro do próprio feminismo. Não chegando a um consenso com o amplo Grupo participante das discussões, o Coletivo tende a afirmar nos debates em rede a necessidade deste movimento ser construído majoritariamente por mulheres e para as mulheres, delegando a urgência do protagonismo e empoderamento feminino.

Isto mostra que o Coletivo tende a usar a rede para fins diversos ajustados a necessidades múltiplas: de um lado, uma Página que permite criar eventos e conjunturar o movimento diante de questões importantes ampliando sua visibilidade, e de outro, um Grupo que de forma deliberativa impulsiona o movimento a discutir, argumentar, incorporar conflitos e construir demandas em conjunto. Da mesma forma que os principais usos do *Facebook* constroem o reconhecimento compartilhado pelo feminismo e a delimitação de oposições, eles também proporcionam, e até mesmo potencializam, conflitos e contradições do movimento relacionado a dilemas tanto internos e quanto externos.

A construção da Marcha das Vadias está assegurada, dessa forma, por aspectos que transitam entre: discutir o feminismo e as relações de gênero e se opor a práticas relacionadas à dominação e opressão. Nesse sentido, podemos destacar que, sintomático aos usos sociais do *Facebook*, as definições e deliberações da Marcha das Vadias passam pela argumentação e formação conjunta daqueles que integram o movimento em discussões na rede. Por exemplo, postagens com títulos como: “O que é feminismo?”; “Feminismo liberta?”; “O papel dos homens no feminismo”, são as mais comentadas e discutidas no Grupo e tendem a gerar debates alargados por posições conflitivas em torno das questões que abrangem boa parte do movimento. Nesse sentido, discutir o feminismo passa a se tornar relevante na medida em se julga necessário um posicionamento e um reconhecimento compartilhado entre aqueles que participam do movimento, seja em rede ou nas ruas, sobre essas questões. Nesta constante vertente de informações, a Marcha das Vadias –SM passa a se articular e definir questões importantes para sua conformação.

6. NOTAS FINAIS

No contexto deste trabalho, a Marcha das Vadias foi analisada como um movimento social contemporâneo que surge a partir da necessidade de oposição a um sistema patriarcal que julga e condena as mulheres a partir de estereótipos de gênero que tendem a ser perpetuados. Impulsionado por um episódio específico ocorrido no campus de uma universidade no Canadá, no qual se observou a culpabilização de vítimas de estupro, um movimento de caráter auto-organizado a partir de dinâmicas de comunicação em rede tomou diferentes formas nos locais ao redor do mundo em que foi sendo construído. Em comum, como indicam as pesquisas já sistematizadas por outros autores, pode ser destacado o caráter performático e reflexivo em torno das ações de protesto, que colocam em xeque, inclusive, o debate em torno de novos matizes para o movimento feminista no mundo hoje.

Na Marcha das Vadias, o corpo aparece como articulador político das experiências de gênero e sexualidade durante as ações de protestos. Como parte das suas lógicas, a Marcha das Vadias também passa a articular-se em espaços de comunicação na internet que permitem não apenas o chamamento e a mobilização para ação, como também o encontro, o debate, a reflexão e a própria construção do movimento, a partir de dinâmicas de auto-organização em rede. Encontramos sites da Marcha das Vadias em diferentes locais no mundo, assim como blogs, Páginas e Grupos na rede social online *Facebook*. Esta lógica de apropriação da rede mundial de computadores para tematização e experimentação de questões de gênero integra a dinâmica do que apontamos, neste trabalho, como feminismo comunicacional.

Diversas lógicas de estar, se fazer visível e interagir na rede são identificadas a partir da aproximação a organização, grupos e entidades feministas. No caso observado, no contexto da cidade de Santa Maria, a Marcha das Vadias apropria-se, enquanto movimento social, de uma Página e um Grupo de discussão no *Facebook*. Ali, percebemos a construção de ambientes de comunicação usados com o sentido de construção do movimento na internet e como encontro em torno da conformação de identidades e políticas de gênero. Seja para divulgar a ação de protesto, chamar participantes para a marcha, promover ações integradas ao longo do ano, divulgar causas relacionadas, no caso da Página no *Facebook*, ou para promover um debate relacionado às questões de gênero e políticas de identidade, no caso do Grupo, o *Facebook* passa a ocupar um papel importante na conformação do movimento.

A aproximação empírica através da observação prolongada, registro em diário de campo, sistematização e categorização das postagens do *Facebook*, aliada a entrevistas com integrantes do movimento e participação em ações da Marcha das Vadias no contexto da cidade de Santa Maria, permitiu identificar usos sociais da internet e da rede social online com o papel de aglomeração, auto-organização e constituição da visibilidade do movimento. É possível destacar que a comunicação em rede integra as dinâmicas da própria construção da Marcha das Vadias e dos sentidos sobre o feminismo que ela busca enunciar. Sentidos estes que vão sendo definidos a partir do contato com posicionamentos, opiniões, debates em torno de temas diversos, entre eles, como pudemos observar, o tratamento de questões de gênero pela mídia tradicional, o lugar das mulheres na sociedade, os diferentes sentidos de ser mulher, a necessidade de protagonismo e empoderamento feminino e a própria definição híbrida e dinâmica do feminismo contemporâneo.

Deste modo, os usos sociais da comunicação em rede parecem posicionar o a Marcha das Vadias em dois frutíferos e desafiadores cenários referentes à sua conformação identitária. O primeiro tem relação com o espectro da diferença. Na intencionalidade de repercutir a aderência de um grande número de mulheres o movimento se autodenomina sobre a expressão do *feminismo interseccional*³¹, essa perspectiva compreende um feminismo de matriz múltipla que assegura a relação entre classe, gênero e raça e permite a constituição de um cenário que contribui para identificação e fortalecimento de diferentes mulheres. O segundo cenário diz respeito à frente de atuação do movimento sobre o olhar de gênero, característica que equaciona a mobilização dos diversos sentidos para a identidade de gênero: a presença de homens e transexuais na continuidade do feminismo é exemplo dessa política. É importante ressaltar que um cenário não tende a excluir o outro, pois são eles, através de marcadores de diferença e de as experiências múltiplas de gênero e opressão que possibilitam o alargamento das identidades feministas e o rompimento com as essencialidades antidialógicas no movimento. O diálogo e a deliberação nas redes parecem, nesse sentido, não ser problemas para o processo de constituição da interseccionalidade e amplitude do feminismo idealizado.

31. No plano teórico, definido por Kimberlé Crenshaw (2002), a perspectiva do feminismo interseccional defende um movimento feminista de matriz múltipla assentado na relação contínua entre classe, gênero e raça. Esse entendimento permite a constituição de um cenário que contribui para a identificação e o fortalecimento de diferentes mulheres.

7. REFERÊNCIAS

- APC.ORG,. (2015). *Association for Progressive Communications | Internet for social justice and sustainable development*. Acesso em: 5 Ago. 2014, disponível em: <http://www.apc.org>
- BERALDO, A., & ROCHA, R. (2014). Eu serei meu próprio fetiche: nudez em templos do artifício ou ativismo de mulheres-imagens. *Revista Famecos*, 21(2), 698-720.
- BUTLER, J. (2013). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CASTELLS, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTELLS, M. (1999b). *Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTELLS, M. (2003). *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- CARDOSO, G. (2007). *Mídia na Sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Editora FVG.
- CARR, J. (2013). The SlutWalk Movement: A Study in Transnational Feminist Activism. *Journal of Feminist Scholarship*, 4(1), 24-38.
- CEMINA.ORG.BR,. (2015). CEMINA - *Comunicação, Educação e Informação em Gênero*. Acesso em: 7 Ago. 2014, disponível em: <http://www.cemina.org.br/>
- CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ASSESORIA,. (2015). *CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria*. Acesso em: 7 Ago. 2014, disponível em: <http://www.cfemea.org.br/>
- CHANTER, T. (2011). *Gênero: conceitos-chave em Filosofia*. Porto alegre: ARTMED.
- COGO, D., & BRIGNOL, L. (2011). *Redes sociais e os estudos de recepção na internet*. *Matrizes*, 4(2), 75-92.
- CRENSHAW, K. (2002). *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. *Estudos Feministas*, 10(1), 171-188.
- DE MIGUEL, A., & BOIX, M. (2013). *Os gêneros da rede: os ciberfeminismos*. In G. Natansohn, *Internet em código feminino*. Teorias e práticas (1st ed.). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía.
- ESCREVALOLAESCREVA.BLOGSPOT.COM.BR,. (2015). *Escreva Lola Escreva*. Acesso em: 7 Ago 2014, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>
- FEMINISTAS, B. (2015). *Sobre. Blogueirasfeministas.com*. Acesso em: 5 Ago. 2014, disponível em: <http://blogueirasfeministas.com>
- FRASER, N. (2007). *Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação*. *Estudos Feministas*, 15(2), 291-308.

- GAMBA, S. (2008). Feminismo: historia y corrientes. In Gamba, S. *Diccionario de estudios de Género y Feminismos*. Editorial Biblos, 1-8.
- GOMES, C., & SORJ, B. (2014). Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, 29(2), 433-447.
- GONÇALVES, E., & PINTO, J. (2011). Reflexões e problemas da "transmissão" intergeracional no feminismo brasileiro. *Cadernos Pagu*, (36), 25-46.
- GUBER, R. (2001). *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.
- HAJE, L. P. (2002). *Esferas Públicas Feministas na internet*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília.
- HAWKESWORTH, M. (2006). A semiótica de um enterro prematuro: o feminismo em uma era pós-feminista. *Rev. Estud. Fem.*, 14(3), 737-763.
- MARCHA DAS VADIAS DISTRITO FEDERAL,. (2014). *Marcha das Vadias Distrito Federal*. Acesso em: 9 Ago. 2014, disponível em: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>
- MARCHA NACIONAL DAS VADIAS 2013,. (2012). *Calendário das Marchas no Brasil*. Acesso em: 8 Ago. 2014, disponível em: <http://marchadasvadiasbr.wordpress.com/calendario/>.
- MULHERES, M. (2015). *Marcha Mundial das Mulheres*. Acesso em: 7 Ago. 2014, disponível em: <http://marchamulheres.wordpress.com>.
- MACEDO, G. A. (2006). Pós-feminismo. *Estudos Feministas*, 14(3), 813-817.
- MCNICOL, L. M. (2012). *SlutWalk is 'kind of like feminism: A critical reading of Canadian mainstream news coverage of SlutWalk*. Thesis (Masters of art in School of Kinesiology and Health Studiess) - Queen's University, Ontario, Canada.
- MELUCCI, A. (2001). *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes.
- NATANSOHN, G. (2013). *Internet em código feminino. Teorias e práticas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía.
- OLIVEIRA, A. (2013). *Prostituição Feminina, feminismos e diversidade de trajetórias*. ex æquo. 28(1), 17-30.
- PERUZZO, C. (2008). *Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados*. Reelaborações no setor. *Palavra Chave*. 11(2), 367-379.
- PINTO, C. (2003). *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo.
- PINTO, C. (2010). Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, 18(36), 15-23.
- PISCITELLI, A. (2005). Apresentação: gênero no mercado do sexo. *Cadernos Pagu*, (25), 7-23.

- RECUERO, R. (2009). *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.
- RIZO GARCÍA, M. (2003). *Redes: Una aproximación al concepto*. Universidad Autónoma de la Ciudad de México. Online, 2003. Disponível em: <http://sic.conaculta.gob.mx/centrodoc_documentos/62.pdf>. Acesso em 1 jun. 2014.
- RUBIN, G. (1993). *O Tráfico de mulheres: notas sobre economia política do sexo*. Recife: Edição SOS corpo.
- SLUTWALKTORONTO.COM,. (2015). *SlutWalk Toronto | BECAUSE WE'VE HAD ENOUGH | SlutWalk Toronto*. Acesso em: 8 Ago. 2014, disponível em: <http://www.slutwalktoronto.com>
- SOF.ORG.BR,. (2015). *Inicial - Sempre viva Organização Feminista*. Acesso em: 7 Ago. 2014, disponível em: <http://www.sof.org.br/>.
- TOURAINÉ, A. (2009). *Pensar Outramente*. São Paulo: Vozes.
- URETA, A. (2005). *La Red al servicio de las mujeres. Aproximación a la relación mujer y medios de comunicación en Internet*. Estudios sobre el Mensaje Periodístico. (11), 375-392.
- VALLENTI, J. (2011). *SlutWalks and the future of feminism*. Washington Post online. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/opinions/slutwalks-and-the-future-of-feminism/2011/06/01/AGjB9LIH_story.html. Acesso em: 13 Ago. 2014.
- WOITOWICZ, K. (2012). *Imprensa feminista no contexto das lutas das mulheres: Ativismo midiático, cidadania e novas formas de resistência*. Ação Midiática. 2(1), 1-18.